

EXPERIÊNCIAS PERFORMÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA: REVERBERAÇÕES SUBJETIVAS**

Samira Dall'Agnol*

RESUMO

Este artigo analisa as experiências performativas de leitura literária de um grupo de professores de inglês, destacando as reverberações subjetivas dessas vivências. O estudo enfoca a importância da mediação do professor na criação de práticas de leitura que não só desenvolvem habilidades comunicativas, mas também fomentam o gosto pela literatura em contextos diversos. Entrevistas qualitativas com dez professores revelam como a leitura literária provoca envolvimento emocional, cognitivo e corporal, destacando a importância da interação entre texto, leitor e contexto sociocultural, além de reforçar a identidade do professor-leitor.

Palavras-Chave: Envolvimento emocional, cognitivo e corporal do leitor, interação texto-leitor, identidade do professor-leitor.

* O recorte que aqui se apresenta é um desdobramento da tese de doutoramento defendida pela autora, na Universidade de Caxias do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, no Doutorado em Letras, em 2021. A tese tem como título: A leitura literária como experiência performativa: estudo das práticas leitoras de professores de língua inglesa.

** Docente do curso de graduação em Letras bem como do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, da Universidade de Caxias do Sul. Doutora em Letras.

PERFORMATIVE EXPERIENCES OF LITERARY READING: SUBJECTIVE REVERBERATIONS

Abstract

This article analyzes the performative experiences of literary reading among a group of English teachers, highlighting the subjective reverberations of these experiences. The study focuses on the importance of the teacher's mediation in creating reading practices that not only develop communicative skills but also foster an appreciation for literature in diverse contexts. Qualitative interviews with ten teachers reveal how literary reading evokes emotional, cognitive, and physical engagement, emphasizing the significance of the interaction between text, reader, and sociocultural context, while also reinforcing the identity of the teacher as a reader.

Keywords: Emotional, cognitive and bodily involvement of the reader, text-reader interaction, teacher-reader identity.

EXPERIÊNCIAS PERFORMATIVAS DE LECTURA LITERARIA: REVERBERAÇÕES SUBJETIVAS

Resumen

Este artículo analiza las experiencias performativas de lectura literaria de un grupo de profesores de inglés, destacando las reverberaciones subjetivas de estas vivencias. El estudio se enfoca en la importancia de la mediación del profesor para crear prácticas de lectura que no solo desarrollen habilidades comunicativas, sino que también fomenten el gusto por la literatura en contextos diversos. Las entrevistas cualitativas realizadas a diez profesores revelan cómo la lectura literaria provoca un compromiso emocional, cognitivo y corporal, subrayando la relevancia de la interacción entre texto, lector y contexto sociocultural, además de reforzar la identidad del profesor como lector.

Palabras Clave: Implicación emocional, cognitiva y corporal del lector, interacción texto-lector, identidad profesor-lector.

Você lê e sofre.
Você lê e ri.
Você lê e engasga.
Você lê e tem arrepios.
Você lê,
e a sua vida vai se misturando
no que está sendo lido.
Caio Fernando Abreu

Introdução

Ao privilegiar o estudo das práticas de leitura literária de um grupo de professores de língua inglesa, tem-se implicada a responsabilidade que esses profissionais assumem na medida em que propiciam situações de contato entre seus alunos, a leitura e a literatura. Isso procede tanto no sentido de desenvolver a habilidade comunicativa, no início da aprendizagem da língua-alvo, quanto no intuito de aprimorar o gosto pela leitura de literatura de língua inglesa, de épocas e contextos distintos.

O gosto pela leitura literária é também resultado do modo como a leitura é apresentada e conduzida em sala de aula pelo professor. Para tal, servem como evidência os relatos de experiência de Souza (2009) e os textos compilados nos cadernos da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em especial, o artigo *A importância da leitura para o desempenho escolar, o crescimento intelectual e a emancipação do aluno* (Zacarias; Palma, 2016). Assim, a construção de experiências positivas na leitura em outro idioma está fortemente relacionada às vivências significativas em torno dessas situações de aprendizagem. Professores que são capazes de oportunizar esse tipo de experiência possibilitam, por meio da leitura literária, a aproximação e a interação do aluno com contextos socioculturais e históricos atinentes à língua em estudo de modo notadamente compreensivo e crítico, diferenciando-se de um ensino mecânico da leitura.

Por essa razão, o papel do ensinante de língua inglesa precisa ser ressaltado, visto que, para muitos estudiosos, é na escola que se sedimenta o que se compreende como prática de leitura literária. Ainda, analisar o docente enquanto leitor, antes de ser mediador, parece uma etapa primordial para a consolidação do perfil do professor-leitor, que esteja confortável com a responsabilidade que lhe cabe de aproximar o aluno do texto. Desse modo, quanto mais o professor tomar ciência de questões relativas à leitura, mais condições terá para contribuir na formação de novos leitores. Segundo Solé (1998), a leitura ocupa um lugar de evidência na constituição desse sujeito ativo, consciente de suas atitudes, capaz de perceber-se como agente social, primando pelo protagonismo em sua vida. Tendo como um dos diferenciais de sua carreira o fato de ser referência para seus alunos, o professor-leitor é instigado a interagir com o ambiente em que está inserido, com pessoas e situações distintas, além de apresentar esse caminho de protagonismo para seus alunos. Destacando o professor de língua inglesa, e visualizando-o no contexto atual de globalização de ideias, territórios e línguas, é de grande pertinência que ele se perceba como parte desse cenário, beneficiando-se de informações, conhecimentos e relações, para empoderar-se de suas ações e constituir-se mediador de leitura de textos e questionador do contexto.

Afinal, mais do que uma lista de belos textos, a leitura literária possibilita que as ideias, as reflexões e as vivências sejam compartilhadas em diferentes níveis. É imprescindível que o leitor se encontre naquele texto, seja por identificação com um personagem, seja pelo questionamento da postura do narrador, seja pelo gênero textual, ou ainda por outro aspecto. E essa identificação se justifica quando se compreende a leitura literária como uma experiência colaborativa, mas também como algo vivido por cada leitor de um modo singular, conforme Bombini (2008).

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar as reverberações subjetivas de um grupo de professores de língua inglesa na leitura de obras literárias no intuito de compreender as experiências performáticas de leitura literária desse grupo. Formam, então, os dados aqui apresentados um recorte de uma pesquisa realizada, como tese de doutoramento. Sendo assim, propõe-se uma análise qualitativa, a partir de algumas das perguntas coletadas na entrevista efetivada. Para tanto, foram eleitos dez sujeitos respondentes do questionário, seguindo como critério de seleção os que: (1) gostariam de participar da entrevista (tendo assinalado a opção: Sim, gostaria de responder ao questionário como também participar da entrevista); (2) deixaram seu e-mail de contato para marcar a entrevista; (3) têm mais de 5 e menos de 30 anos de experiência docente; (4) responderam que se consideram leitores; e, por fim, (5) têm graduação na área de Letras.

As entrevistas foram realizadas de modo *online* síncrono, através da plataforma Zoom Meeting¹, a qual permitiu que fossem gravados vídeos (arquivos .mp4) e áudios (arquivos .mp3) como forma de registro desses dados, com a autorização de cada participante. Cada uma das entrevistas foi previamente agendada por e-mail e durou em torno de 50 minutos. Elas ocorreram no período de 17 de julho a 3 de agosto de 2020 e os respondentes foram codificados através das letras iniciais do nome e sobrenome e do número de letras no primeiro nome. A título de exemplo: Claudia Alfredo Peres (CAP7), conforme aprovado pelo Comitê de Ética, no Parecer n. 3.945.360.

RELAÇÕES TEÓRICAS

Dentro do universo do leitor, cabe pensar as motivações literárias contempladas, as quais respeitam a gratuidade da obra, não fazendo da leitura um meio, mas um fim (Escarpit, 1969). A leitura concebida dessa forma pressupõe a solidão, o isolamento, mas, concomitantemente, demanda o compartilhamento. Escarpit (1969) explora essa última dimensão ao argumentar que a leitura de um livro, enquanto criação original, com o intuito de satisfazer uma necessidade estética, supõe que alguém acesse o outro; em outras palavras, que saia de si mesmo, encontrando com outro ou encontrando-se no texto. Entretanto, é inegável a existência de uma dimensão da leitura literária que é, necessariamente, solitária. Afinal, o leitor, enquanto lê, normalmente não fala e nem atua com seus pares; quando é possível, separa-se física e/ou mentalmente de seus semelhantes, isola-se do mundo que o cerca, a fim de interagir, comprometida e totalmente, com o texto. Segundo o autor, a leitura não deixa margem para a liberdade dos sentidos e absorve completamente a consciência, transformando o leitor em um ser impotente (Escarpit, 1969). Ou seja, em termos físicos, a leitura seria uma atividade não-racional, por permitir e despertar, muitas vezes, sensações no corpo do leitor.

¹ Plataforma que oferece serviços de videoconferências online. Disponível em: <https://zoom.us/pt-pt/meetings.html>.

A respeito da condição em que se encontra o leitor durante a atividade de leitura literária, Chartier reitera as proposições apresentadas ao afirmar que “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (Chartier, 2001, p. 16); melhor dito, a leitura também é uma experiência do corpo. Assim, é por esse prisma que se caracteriza a leitura literária dos professores de inglês. Para tanto, o conceito de experiência precisa ser esclarecido.

Larrosa (2019) destaca que “a experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar [...]; é algo que acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que faz pensar, algo que faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão” (Larrosa, 2019, p. 10). De modo explicativo, o autor tenta delimitar o conceito situando a experiência como algo que se passa, que acontece, que toca o sujeito que a vivencia. Ainda, afirma que a possibilidade de que alguma coisa ocorra, no caso da leitura literária, ao leitor demanda um gesto de interrupção, ou seja, requer parar para pensar, olhar e escutar; sentir mais demoradamente, atentar-se aos detalhes, suspendendo o automatismo da ação, o juízo ou a opinião. A experiência demanda que se abra os olhos e os ouvidos, que se cultive a arte do encontro, que se tenha paciência e que se dê tempo e espaço (Larrosa, 2019, p. 25).

O autor espanhol contempla também o grande elemento da experiência: o sujeito. Para ele tal sujeito está “ex-posto” à experiência. Segundo Larrosa:

o importante não é nem a ‘posição’ [...], nem a ‘oposição’ [...], nem a ‘imposição’ [...], nem a ‘proposição’ [...], mas a ‘ex-posição’ [...] com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2019, p. 26).

Nesse sentido, atenta-se para um sujeito que se permite vivenciar a experiência, sem amarras, aberto, receptivo. Indo além, pode ser que tal sujeito, no caso, o leitor, sofra, padeça, se sinta submetido, subjugado ao texto, ou quem sabe passivo, paciente, apaixonado. Larrosa (2019) discute tais relações, distinguindo os sentidos que a palavra paixão pode tomar, dentre eles, sua proximidade com o sofrimento, com a fraternidade, com o desejo, com a morte, por fim. Entretanto,

definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação. A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de *práxis* (Larrosa, 2019, p. 30).

Portanto, o sujeito da experiência de leitura literária é o leitor que se permite expor-se ao texto e transformar-se com o texto. Esse leitor pode construir novos sentidos, repensar suas relações com a obra, consigo e com a realidade e, especialmente, o leitor que é sujeito da experiência de leitura literária pode ser afetado pelo texto de tal modo que venha a colocar em prática as reverberações de tal experiência, que podem ser manifestas em forma de performance, justamente por também constituírem a experiência de leitura.

À discussão acrescentam-se as contribuições de Turner e Bruner (1986) e de Larrosa (2019), os quais trabalham com a experiência como sendo a suspensão das relações cotidianas ou a interrupção de papéis para a imersão temporária em um outro contexto ou situação. Ao final dessa vivência, pode haver um recomeço, uma ruptura com o entendimento anterior, que poderá impulsionar o sujeito a construir um sentido novo para seu contexto cotidiano e familiar. Segundo Turner e Bruner (1986, p. 39) e Larrosa (2019), ao experienciar essa situação, passa-se por um processo de ritual, o qual objetiva transformar algo que é estranho em conhecido, modificando também aquilo que já lhe é previamente familiar.

É plausível uma aproximação desse conceito com as práticas de leitura literária, quando se compreende a atividade de leitura literária como uma experiência durante a qual as relações e tarefas cotidianas ficam suspensas, visto que a consciência do leitor está comprometida com o texto. Ao mesmo tempo, o sujeito que lê sente o estranhamento de adentrar em uma vivência que não é sua, mas que pode enriquecer, modificar, acomodar ou questionar seu cotidiano, o qual se encontra, no momento da leitura literária, temporariamente pendente. Ao término da leitura (seja ao final da página, do capítulo ou do livro), há a possibilidade de que o leitor ressignifique seu contexto, suas relações e suas compreensões do mundo.

Para consolidar esse conceito, buscou-se também em van Gennep (2011), antropólogo franco-húngaro que estudou profundamente os ritos de passagem, as três fases que os compõem – e aqui serão aplicadas à experiência: separação ou ruptura; margem ou liminar; e reagregação ou reincorporação. A primeira fase constitui o momento em que o sujeito abandona seu cotidiano e adentra uma etapa de isolamento do grupo, de desconhecimento ou até mesmo de excitação. Ou seja, o leitor está prestes a abrir seu livro e dedicar alguns momentos para a atividade de leitura. Procura, então, um lugar (físico) ou um estado de quietude (mental) para dedicar-se à tarefa. Na segunda fase, o sujeito mergulha em uma história, uma vivência, um contexto deslocado de seu universo, como se fosse um microcosmo. Em outras palavras, o leitor suspende sua própria narrativa para adentrar na narrativa de outrem, inusitado e com quem pode ou não travar identificação. Na última fase, ocorre o retorno do sujeito ao seu cotidiano, o que lhe obriga ao encontro consigo mesmo. Assim, o leitor retorna para seu universo, para sua história, podendo carregar consigo uma nova perspectiva sobre seu próprio mundo, a partir da experiência de leitura literária.

Utilizando das fases propostas, é possível relacioná-las às práticas de leitura literária, como demonstra a Figura 1:

Figura 1 – Leitura Literária enquanto Experiência



Fonte: Elaborada pela autora, tendo como base van Genneep (2011).

Essa representação permite que se compreenda a leitura literária como experiência transformadora, única, muitas vezes inesquecível, tal como ocorre em alguns rituais sociais (por exemplo, formaturas, casamentos, etc.), como em outras vivências (por exemplo, uma viagem, um retiro espiritual, etc.). No entanto, há diferenças entre os ritos de passagem estudados pelo antropólogo van Genneep (2011) e o entendimento de experiência de leitura literária, no sentido de que, ao passo que os ritos de passagem (Van Genneep, 2011) e a ritualização (Schechner, 2020) englobam uma gama ampla de fenômenos performativos, a compreensão que se tem de rito de passagem situa-se no âmbito restrito das experiências performativas de leitura literária.

A fim de clarificar o desenvolvimento e a compreensão desse conceito, são apresentadas as nomenclaturas equivalentes para cada fase e suas respectivas explicações:

- a. *primícias da leitura literária*: a leitura inicia antes mesmo de o leitor abrir o livro. Ela começa quando escolhe o que vai ler, onde e por quanto tempo, se será uma leitura individual e silenciosa, ou se ela será acompanhada por outros leitores. Neste prelúdio, o leitor pode sentir-se envolto pela ansiedade, por expectativas, por memórias de outras leituras, por comentários ou indicações de outros leitores, ou mesmo por lembranças de outras obras lidas anteriormente;
- b. *experiência da leitura literária*: durante a leitura, o leitor é acolhido pelo universo da narrativa, vivenciando emoções, travando relações, criando identificações, que podem ser confrontadas a qualquer tempo com as expectativas da fase anterior. Quando o leitor finaliza o momento de leitura, ele é forçado a encontrar-se consigo mesmo, e é convocado a retornar para seu papel anterior, podendo ter havido uma ressignificação de sua condição, a partir dessa experiência;
- c. *reverberações da leitura literária*: quando o leitor retorna à sua vida cotidiana, a experiência de leitura é capaz de permanecer por mais algum período em sua consciência. Provavelmente, essa leitura será expressa pela resenha (oral ou escrita) para seus pares (familiares, amigos, colegas); será divulgada através de redes sociais, por fotos, pequenos textos, breves vídeos; será compartilhada em aplicativos de leitura, transformando-se em números, avaliações e comentários; será descrita

em algum diário de leitura, a título de registro; tomará a forma de uma lembrança na memória do leitor; ainda (e mais importante) terá repercussão na história do próprio leitor ou em seu ambiente de convivência.

Assim sendo, a experiência de leitura literária, a partir desse viés antropológico, pode ser descrita como um momento em que o leitor: (i) prepara-se para a atividade de leitura, (ii) vivencia a leitura e (iii) pode ressignificar alguns aspectos de seu cotidiano, de suas relações sociais e com o mundo.

As expressões dos sujeitos correspondem às articulações, formulações e representações de suas próprias experiências. Conforme Bruner (1986), as expressões não são apenas declarações que ocorreriam naturalmente, são também atividades altamente relevantes, afinal é quando as pressuposições do grupo social estão mais expostas, quando os valores cruciais são expressos e quando o imaginário está mais aparente.

A partir das expressões, e somente através delas, consegue-se acessar a experiência. Por isso, esse conceito atrela-se fortemente à definição de performance, visto que é por meio dela que se torna possível “reviver, recriar, recontar, reconstruir e remodelar a cultura”, segundo pontua Bruner (1986, p. 11). Em outras palavras, a performance não libera um sentido preexistente, que estava latente; muito antes constitui a própria experiência. Geertz (1989) complementa que os seres humanos não são capazes de viver a vida de outrem; entretanto, ao atentar para as palavras, para as imagens, para as ações, é possível compreender o que o outro compartilha sobre suas experiências.

Permeado pelos estudos de van Gennep (2011) e Bruner (1986), consolidam-se as considerações de Richard Schechner (2020), teórico da performance na contemporaneidade, o qual sintetiza a performance como um vasto espectro de ações contemplando desde a atuação em um palco, os jogos e os esportes, os entretenimentos populares, até os rituais que compõem as artes cênicas, os atores profissionais, as personas políticas, a mídia e também a constituição de raça, gênero e identidade no cotidiano. Schechner (2020, p. 4) considera ainda que a performance acontece tanto ao fazer quanto ao mostrar o que se faz e, quanto mais claramente o indivíduo é capaz de mostrar o que está fazendo, mais obviamente a performance está acontecendo.

Para este estudo, define-se a experiência de leitura literária como performance pelo entendimento dos ritos de passagem – como explorado anteriormente a partir das considerações de van Gennep (2011). Conforme ensina Schechner (2020), os rituais são performances por si mesmos e têm a força de conduzir os sujeitos que os performam a outra realidade, a transformá-los em alguém novo. Entretanto, é válido esclarecer que a experiência performática de leitura literária, pelas vias de Richard Schechner (1988), se aproxima da ritualização, ou ainda da performance no cotidiano, mais do que dos ritos e das cerimônias, no sentido de ser uma experiência frequente e ordinária – em oposição aos ritos e às cerimônias que envolvem questões atinentes ao sagrado, ao religioso ou ao místico, à ascensão social ou à transição de papéis sociais ou profissionais.

Nesse sentido, os ritos de passagem deixam marcas indeléveis em seus protagonistas, modificando não somente seus *status* sociocultural, mas também sua percepção de seu contexto. É possível compreender

as experiências literárias a partir desse viés, no entanto é necessário demarcar as diferenças de gradações ou de intensidades em relação aos diferentes ritos e ritualizações.

Adentrando um pouco mais nas questões de performance, tendo o sujeito e seu corpo como foco, é importante discutir o corpo vivo, neste caso, o do leitor lendo, operando a ação de ler. Zumthor (2000) questiona “o funcionamento, as modalidades e o efeito”, em nível individual, das reações corpóreas e das percepções dos sentidos (Zumthor, 2000, p. 27). Para o crítico literário, o corpo é quem reage, a partir do contato com os textos. O corpo vibra no leitor, ou seja, é o peso sentido na experiência que o leitor faz dos textos, por exemplo: na contração e no relaxamento dos músculos; nas sensações de vazio e de pleno; nos sentimentos de ameaça ou de segurança; de alegria ou de pena; dentre outros provenientes de uma representação de si próprio².

Por essa perspectiva, a leitura afasta-se dos processos de decodificação e informação e passa a agregar elementos que proporcionam o prazer do texto, “o qual emana de um laço pessoal estabelecido entre o leitor que lê e o texto como tal” (Zumthor, 2000, p. 24). De acordo com Paul Zumthor (2000, p. 31), a performance implica um saber-ser, ou seja, conhecer uma conduta e fazer-se presente, comportando orientações “espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas”. Conforme o intelectual suíço, são quatro os principais traços da performance:

- i. A performance é reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade [...];
- ii. A performance se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma ‘emergência’, um fenômeno que sai desse contexto ao mesmo tempo em que nele encontra lugar [...];
- iii. A performance é uma conduta na qual o sujeito assume aberta e funcionalmente a responsabilidade [...];
- iv. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca (Zumthor, 2000, p. 31-32).

Com base nesses princípios, Zumthor (2000, p. 32) os inverte e os aplica aos hábitos receptivos – dessa forma, contempla as práticas de leitura literária. Isto é, a leitura possui uma reiterabilidade própria, não apenas pela repetição de uma ação visual, mas pelo conjunto de disposições fisiológicas, psíquicas e por demandas do ambiente, vinculadas de forma única para cada indivíduo, não a um ler abstrato e genérico, mas à leitura de um determinado gênero (por exemplo, a leitura de um jornal, de um romance, de um poema, etc.). Em outras palavras, o leitor dispõe-se a ler de modos distintos em função de aspectos diferentes, por exemplo, o gênero a ser lido; o objetivo de leitura; as exigências do ambiente, dentre outros elementos.

Segundo o teórico, “o que na performance oral pura é realidade experimentada, é, na leitura, da ordem do desejo” (Zumthor, 2000, p. 34). Em ambos os casos, há uma forte implicação corporal, com mani-

2 Durante a leitura, as reações do leitor, também constituintes da performance, podem denunciar como a experiência de ler um texto em específico o afeta, seja rindo, chorando, xingando ou elogiando uma personagem, irritando-se com o texto ou saboreando a forma de escrita, etc. Desse modo, compreende-se que essa performance é também uma representação do que ele vivencia no papel de leitor.

festações físicas (ou de superfície) de ordem distintas, apesar de haver um pequeno número de traços similares, sendo alguns deles: o prazer que o texto pode gerar no leitor; a individualidade da experiência e suas manifestações únicas; a emergência – no sentido de aparecimento, eclosão; a reiterabilidade e o ritual.

Reforça Zumthor (2000, p. 52) que a leitura literária é produtiva e gera prazer. No entanto, para que isso seja verificado, é preciso reintegrar a ideia de percepção sensorial pela qual o leitor encontra a obra de uma forma especialmente pessoal. Para além, afirma que:

o texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra, de corpo e alma. Não há algo que a linguagem tenha criado nem estrutura nem sistema completamente fechados; e as lacunas e os brancos que aí necessariamente subsistem constituem um espaço de liberdade: ilusório pelo fato de que só pode ser ocupado por um instante, por mim, por você, leitores nômades por vocação. Também assim, a ilusão é própria da arte. A fixação, o preenchimento, o gozo da liberdade se produzem na nudez de um face a face. Diante desse texto, no qual o sujeito está presente, mesmo quando indiscernível: nele ressoa uma palavra pronunciada, imprecisa, obscurecida talvez pela dúvida que carrega em si, nós perturbados, procuramos lhe encontrar um sentido. Mas esse sentido só terá uma existência transitória, ficcional. Amanhã, retomando o mesmo texto, eu o acharei um outro (Zumthor, 2000, p. 53-54).

Paul Zumthor (2000) continua o texto assegurando que a leitura literária se configura como diálogo entre o corpo do leitor e a materialidade de objeto, entendida como o texto, e assim se daria o prazer do texto, por meio dessa relação dialógica, em que as vozes se misturam (Zumthor, 2000, p. 63). Ao ato de ler, agrega-se um desejo de reatar a unidade da performance: a postura, o ritmo respiratório, a imaginação. Esse esforço de procurar por tal unidade condiz com a busca pelo prazer do texto, conforme discorre o autor suíço (Zumthor, 2000, p. 67).

Logo, a leitura solitária e simplesmente visual possivelmente define o nível mínimo de performance: a presença do leitor é posta entre parênteses, “mas subsiste uma presença invisível, que é a manifestação de um outro, muito forte para que minha adesão a essa voz, a mim assim dirigida por intermédio do escrito, comprometa o conjunto de minhas energias corporais” (Zumthor, 2000, p. 69). Por fim, a leitura literária transforma-se em escuta, na medida em que o leitor ouve a voz do texto, refazendo em corpo e em espírito o itinerário planejado pelo escritor, indo assim ao encontro do prazer do texto.

Percebendo a complexidade e as nuances da *performance*, compreende-se a necessidade de agregar esse conceito à ideia previamente discutida de *experiência*, construindo assim a expressão *experiência performática de leitura*, concentrando nesse conceito o entendimento de que a leitura literária é uma vivência que o leitor experiencia e que o transforma, se ele se permitir a tanto. Essa experiência é incorporada pelo leitor e, na medida em que seu corpo está envolvido, cognitivamente e fisiologicamente, pelo prazer do texto, há performance.

ANÁLISE DOS DADOS

Tendo como finalidade levantar informações que pudessem ser relacionadas ao universo de leituras literárias bem como às experiências performativas de leitura literária dos entrevistados, foram contempladas questões que conseguissem relatar os movimentos, os rituais, as relações entre o corpo do leitor e o texto, motivadas pelo ato de ler; desse modo priorizando o leitor, o texto e a leitura, como também o seu entorno literário: sua relação com o livro enquanto objeto, suas aspirações, indicações e reverberações de leituras.

A respeito da condição em que se encontra o leitor durante a atividade de leitura, como já explicitado por Chartier (2001), a leitura é também uma experiência do corpo. Assim, é também por esse prisma que se tentou caracterizar a leitura dos professores de inglês, cotejando perguntas como: Você segue algum ritual/protocolo/rotina ao se preparar para ler? Você já percebeu como seu corpo reage a determinadas cenas, trechos, leituras? Consegue descrever alguma situação (em que você riu, chorou, franziu a testa, falou, etc.)?

Além disso, faz-se pertinente a ponderação de Britto (2015, p. 42) quando afirma que “a leitura resultante da ‘livre escolha’ pode estar condicionada ou constrangida por muitos fatores limitantes sem que aquele que a faça tenha consciência disso. Os gostos, as predileções são a expressão de experiências diversas e da incorporação, muitas vezes inconsciente, de valores e padrões alheios”. Portanto, é crucial apresentar, analisar e debater os dados produzidos, no intuito de criar novos entendimentos sobre a experiência de leitura literária dos professores de língua inglesa. É importante salientar que somente algumas respostas serão apresentadas para cada uma das perguntas selecionadas para a composição deste artigo. Recomenda-se a leitura da tese para acessar a todas as perguntas, bem como demais respostas não mencionadas aqui.

Diante disso, buscou-se informações sobre os modos de ler desses professores-leitores. Portanto, os entrevistados responderam à questão 4³, que foi apresentada desta forma: Você segue algum ritual/protocolo/ rotina para ler? Em outras palavras, como você lê literatura? As respostas mais pertinentes foram:

Depende, depende muito... No domingo eu tenho a rede, daí deito lá fora e esqueço. Mas se eu tiver a fim aí no fim da noite, uma tacinha de vinho combina com o livro. (DS7)

Tem que ter o gatinho! O gatinho faz parte! Eu gosto sempre de ler em um lugar confortável! Com almofadas, pra ficar meio sentada, meio deitada. Ou na rede, no jardim. E geralmente de tarde ou de noite. (DS6)

Agora no inverno, é aqui na lareira, tem sofá, tem luz... ou na casa dos meus pais, na cadeira, embaixo das árvores... na praia, na cama também eu gosto de ler. Todo mundo tem esse cantinho da leitura! (CS7)

3 Optou-se por manter a numeração das perguntas conforme a tese, para facilitar a busca no texto original, caso seja de interesse do leitor. Para lembrar, estão discutidas neste artigo algumas das perguntas que compõem o conjunto de dados coletados, tendo como critério de escolha o tema da revista nesta edição.

É muito distinto. Se eu for pensar agora, mudou da maneira que eu lia quando era adolescente, agora eu acho que eu prefiro estar na minha cama, com uma xícara de chá, uma luzinha mais baixa, de pijamas, quietinho no meu canto... até mesmo durante da graduação eu lia no ônibus, em qualquer lugar... agora tento me concentrar um pouco mais. (IB4)

Normalmente eu gosto de ler antes de dormir, já se ajeita um pouquinho, já fica numa posição confortável. Se for verão, se esticar embaixo do guarda-sol, então associa o conforto do ambiente com o prazer da leitura. Uma luzinha de canto no quarto também ajuda. (MCC5)

As descrições das rotinas de leitura dos professores abordados ilustram de forma bastante satisfatória as tentativas de captura teórica de diferentes autores. Por exemplo, Larrosa (2003) insiste que a experiência – e aqui estende-se para a experiência de leitura literária – requer um gesto de interrupção. Jorge Larrosa (2019, p. 25) contribui ainda mais com o entendimento da experiência de leitura literária como um ritual no momento em que explicita a necessidade que essa dinâmica implica. Segundo Larrosa (2019), a experiência do leitor:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2019, p. 25).

Trocando em miúdos: na medida em que cada um dos leitores entrevistados revela que se ‘prepara’ para ler, que se arruma “na cama”, “na rede”, “embaixo do guarda-sol”, ou quando combina “um vinho” ou “um chazinho” com o livro, ele está interrompendo uma vivência rotineira, ordinária, para permitir-se adentrar em uma experiência específica, de leitura, não de qualquer texto, mas uma experiência de leitura literária.

O próximo questionamento possibilitou que os entrevistados discorressem sobre os desdobramentos, as reverberações de suas leituras literárias. Nesse intuito, a questão 5 foi organizada dessa forma: O que você faz com as leituras literárias realizadas? Você compartilha? Você registra? Nomeie os aplicativos, o tipo de organização, suas preferências ao registrar e ao compartilhar leituras. Para essa pergunta, as principais respostas foram:

Vou anotando num papelzinho ali pra eu voltar pra lembrar se eu já li. Tenho muitos amigos leitores que leem muito e a gente comenta muito. E o próprio grupo do mestrado é muito empolgado com o que lê e a gente se manda mensagem, seja às 3 da manhã. (DS7)

A princípio eu não tenho nada, mas este ano eu fiz uma lista dos livros que eu quero ler e tô riscando os que eu já li. Eu já compartilhei algumas coisas nas redes sociais... quando eu acho um trecho marcante [...] alguma coisa do feminismo, algo relacionado com o mesmo assunto que eu discutia com os alunos em aula. (SD6)

Eu não tinha esse costume, mas às vezes no próprio livro eu faço anotações de vocabulário. Quando eu era adolescente, eu tinha sim um diário de leituras, bem bonitinho. E com o tempo, eu fui só anotando no glossário e sublinhando os trechos nos livros. Eu participo do *Skoob*, que eu anoto os livros que eu já li, que eu quero ler. (GL8)

Eu uso só o *Skoob*. Eu pensei em fazer até um diário, na verdade eu comecei a fazer isso, mas daí eu me atrapalhei, porque eu não sabia o que eu ia fazer com tudo o que eu já tinha lido. Uma vez eu pensei em fazer um canal no *YouTube*, mas daí eu não sei... não sei usar bem essas coisas. No *Skoob*, eu coloco lá o que já tenho, o que quero comprar, o que eu já li. (DH7)

Compartilho bastante, nesse meio a gente conhece outras pessoas que também gostam de ler, então a gente conversa sobre livros e leituras nas jantas, no barzinho... parece *super boring* isso, mas pra gente era a coisa mais divertida do mundo! Com a minha mãe eu converso bastante, porque foi por causa dela que eu comecei a ler bastante. Mãe, tia, dinda, prima mais nova, prima mais velha, minhas amigas. Mesmo essas amigas que não leem, elas já leram alguma coisa. Eu já li coisas do tipo pra eu poder conversar com ela e ela já leu *Game of Thrones* pra conversar comigo. Mas tem gente que critica que acha *fake*, no próprio Instagram, tem quem diga que é *fake* ficar postando. Eu registro no *Skoob*, daí a gente consegue colocar nota da leitura. E eu esqueceria se eu não fizesse esse registro. Num caderno eu registro só os que eu queria ler, pra ver se eu conseguia parar de comprar! No *Skoob* dá pra checar o quanto a gente lê num ano, por exemplo, ano passado eu li muito menos do que eu imaginava que leria. Neste ano, já tenho lido bem mais. (GAD8)

Apesar de ser válida a abordagem em que se considera a leitura uma atividade solitária, visto que essa tarefa absorve completamente a consciência, configurando o leitor em um ser impotente, conforme aponta Escarpit (1969), é válido lembrar que somente na modernidade a leitura assumiu o *status* de prática solitária, compondo, antes desse período, uma experiência coletiva, de compartilhamento, de trocas. Ler significava estar em contato com mais pessoas a partir de um texto. Mesmo que tenham sido significativas as mudanças socioculturais desde a modernidade, ainda é importante para o leitor contemporâneo ser capaz de compartilhar com outros leitores ou simplesmente de registrar suas leituras, no intuito de encontrar-se, em um futuro próximo, com o leitor que ele foi no passado.

Em complemento à questão anterior, os professores-leitores foram indagados sobre as possíveis reações de seus corpos em relação à leitura. A questão 6 foi assim proposta: Como seu corpo reage a determinadas cenas, trechos, leituras? Consegue descrever alguma situação (em que você riu, chorou, franziu a testa, falou, etc.)?

Nossa, direto! De dizer assim: não acredito que isso aconteceu! E fechar o livro e ficar assim chocada e não querer acabar o livro pra não perder aquele momento. Já chorei bastante com personagens também... E também já tive aqueles momentos que eu fiquei tão absorvida pela história que eu esqueci que eu tava no meu quarto, quem eu sou... porque eu entrei no livro e esqueci da realidade! (GL8)

Sim, é muito engraçado isso. Eu lembro alguns contos de terror que eu li, eu tava em casa, sozinha, lembro porque o livro tava molhado, minha mão tava suando e eu comecei a ficar apavoradíssima. Eu tive que parar de ler até alguém chegar em casa. Lembro de ficar indignada muitas vezes... e eu falo, tipo 'quê?' daí eu volto, não acredito que ele falou isso! Eu fechei o livro e fiquei olhando... daí eu disse, eu não sei se eu entendi direito, acho que vou ter que ler tudo de novo. E dei risada também... eu não sei se eu já te contei isso, mas desde pequena eu tive problemas de ansiedade, já tive depressão... enfim, daí eu li *Absolutamente Feliz* e que eu ri muito lendo e que eu indiquei pra várias pessoas! Ou, se tem alguém perto, eu chamo pra ler um pedacinho, escuta, escuta. (DH7)

Muito, reajo muito: eu entro muito na *vibe*. Eu acabo me estressando com algumas coisas que os personagens fazem. Eu me emociono bastante lendo, eu sinto bastante. Morre um personagem e eu sinto bastante. Eu chorei muito lendo Dostoiévski num continho curto *A Árvore de Natal na Casa do Cristo*. Pensei ‘nossa como alguém consegue passar toda essa emoção em tão poucas páginas!’ Mas eu fico muito feliz! Eu fico frustrada, mas não xingo! Eu me envolvo bastante emocionalmente. A gente se apega muito ao livro e aos personagens e parece que o autor conhece a gente. (GAD8)

Tomara que ninguém nunca me filme lendo... eu converso com os livros! Eu falo com os livros, eu reajo! Eu não consigo ficar passiva! Eu mergulho no livro de um jeito! Em algumas traduções eu tive que parar porque eu chorei tanto, tanto! A minha conexão com os livros... Eu me recolho com um livro na mão, desde que eu tinha 12, 13 anos... em alguma etapa do processo educacional o pessoal não tá dando conta de mostrar o valor da literatura. (CS7)

Eu acho que sim, nunca parei pra pensar nisso, mas acho que são mais reações faciais, ou alguns sons... ah, também já tive vontade mesmo de jogar um livro pela janela!! Nos clássicos, a gente sempre tem reações, a gente sente as lágrimas nos olhos, por exemplo, *Pride and Prejudice*. Ou também ficar pensando ou ficar bravo com o personagem... é que a gente que gosta de ler – tão bom quanto assistir a um filme – claro, a gente chora, a gente ri! E não só os clássicos, *best sellers* também, como Dan Brown... e esses assim que são mais *best sellers* eu procuro ler nas férias! Eu adoro Agatha Christi! O jeito que ela conta, os detalhes. (SBF7)

Com o suporte de Zumthor (2000, p. 27), todos os depoimentos ilustram traços da performance em leitura. Para o autor, é imprescindível discutir o corpo do leitor lendo, operando a ação de ler. O corpo é quem reage, a partir do contato com as obras e, a iniciar por esse contato, o corpo vibra no leitor, tendo como reações corpóreas: a contração e o relaxamento dos músculos; a sensação de vazio e pleno; os sentimentos de ameaça e de segurança; de alegria ou de pena, entre tantas outras emoções e reações que ocorrem durante a experiência de leitura literária.

A compreensão de que cada um dos leitores imprimirá em sua leitura suas próprias digitais leva a debater a próxima questão proposta a cada entrevistado. Como questão 8, foi abordado o seguinte: Você participa de algum clube ou círculo de leitura? Se sim, quais e por quê? Se não, por quê? E algumas das respostas foram:

Antes do mestrado, eu participava do ‘Leia Mulheres’. É muito interessante... uma reunião de pessoas que gostam de livros já é muito interessante, sempre por um ponto de vista feminista, que me levou a estudar essas questões. Maria Valéria Resende que eu não conhecia que é bem boa e é uma leitura bem gostosa. Já pensei em participar de clubes de leitura, mas acabei não entrando porque eu escolho minhas leituras aleatoriamente... não sei... acho que eu prefiro escolher o que ler e não esperar o que me mandam ler. Eu gosto de um morto ou de um velho!! Seja literatura, música, filosofia. (DS7)

Eu tô naqueles grupos no Facebook sobre leitura. Aí eu acho legal porque o pessoal pergunta sobre o autor, sobre dicas de leitura. No Instagram, sigo perfis de leitura. Outra coisa que eu queria era participar daqueles clubes de leitura, tipo a TAG. Eu sempre quis participar desses círculos de leitura, mas não consegui ainda. Eu sempre achei muito legal. (DH7)

Eu acho esses clubes muito bons porque eles trabalham como curadores, indicando. Mas como eu sou cheia das opiniões, e tenho várias fontes de referências, daí não vi necessidade de entrar. (CS7)

Eu já participei de grupos de leitura na época de escola, mas hoje eu acabo lendo o que eu tô mais a fim de ler, o que o meu humor me dita... tem horas que eu quero ler um clássico, tem horas que eu quero ler algo pra não pensar, só por entretenimento mesmo. (JB7)

Enquanto eu era jovem adulta, tinha algo bem popular que era o círculo do livro. Eu acho que a *Montanha Mágica* veio dessa época aí. A gente escolhia, comprava e vinha pelo correio. Eles sempre faziam uma capa diferenciada, bem caprichada. Aplicativos que me remetem à tela, eu não consigo ler não. (MCC5)

Auxilia na compreensão dessas experiências de leitura, a retomada de algumas definições de Chartier (2001), visto que o autor secciona a leitura em duas camadas: a primeira, individual, daria conta da interação, da interpretação do texto pelo leitor. Já a segunda, coletiva, contemplaria o dialogismo entre os sinais do texto e o horizonte de expectativa partilhado por aquela comunidade de leitores. Transpondo esse entendimento aos dados elencados, percebe-se que o grupo de professores-leitores ainda prefere vivenciar a experiência de leitura literária fazendo suas próprias escolhas, traçando um percurso de leituras individual.

Na esteira de perguntas aos entrevistados, outra questão voltada para o comportamento dos leitores revelou respostas bastante inusitadas. A pergunta proposta foi expressa assim: O que você já leu escondido? Conte como foi. Como respostas principais, destacam-se:

Acho que escondido não. Mas nem sempre eu comentava o que eu estava lendo. Por exemplo, durante a graduação, o pessoal de Letras tinha certo preconceito literário. (SD6)

Ali na faculdade, quando a gente tinha cadeiras com o pessoal do Português, eu sentia muito preconceito, porque ler *Stephen King* não é literatura. Porque eles têm aquilo que *Machado de Assis* é literatura, *Quintana* é literatura, mas se disser que lê um *mainstream*... Tinha cadeiras que eu me sentia discriminada, porque eu adoro ler essa literatura de massa, mas o pessoal do Português tem essa coisa de discriminar. Então eu não comentava os livros que eu lia porque eu tinha vergonha de dizer que eu tava lendo *Stephen King*. (GL8)

Quando eu era mais nova, eu tinha um pouco disso. Agora eu já desconstruí um pouco. Por exemplo, nessas minhas coisas de espiritualidade... eu gosto muito de bruxaria e daí tem umas capas horrorosas e eu na escola colocava o livro dentro, pra não mostrar pros outros o que eu estava lendo. Daí uma tia minha me deu alguns daquela coleção *Sabrina*. E daí todo mundo na minha casa ficou me zoando e eu disse que nunca ia ler, mas que livro a gente não põe fora. Mas daí eu lia escondido, de noite, no quarto. Minha mãe ia dar boa noite e eu ficava lendo. Pior que eu gostei do livro! (DH7)

O *Crepúsculo*! Eu não li escondido, mas eu tinha vergonha de dizer que estava lendo. Na minha cabeça eu tinha vergonha. As pessoas têm medo do que os outros vão dizer, que tu é burro ou que tu lê uma literatura fraca. Uma época eu lia bastante contos de fadas e que às vezes fica parecendo que eu tinha 12, 14 anos. (GAD8)

Eu li com vergonha, O *Crepúsculo*. Eu já tava dando aulas e as minhas alunas todas estavam lendo. Eu li numa sentada os três! Eu acho importante, como professora, a gente tem que ler também o que eles estão lendo. O *Harry Potter* é maravilhoso! Eu li tudo!! (CS7)

Discutir uma questão como a que foi proposta demanda a retomada de pontos de vista distintos, em termos teóricos. Uma vez que várias respostas tocaram na questão do preconceito literário, inicia-se a análise lembrando as afirmações de Terra (2014). Para ele,

o problema não é tanto o de considerar como não leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontrolladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e pensar (Terra, 2014, p. 17).

Em outros termos e, tendo como exemplos os depoimentos registrados, percebe-se que ainda existem certas restrições, neste caso, pelos colegas universitários do curso de Letras, em relação à valoração das obras literárias. Ao invés de propor-se um debate sobre os diferentes títulos a serem lidos, os estudantes preferem taxar ou rotular como inferiores ou de menor valor literário as escolhas não consagradas pela academia. Vide os excertos: “quando a gente tinha cadeiras com o pessoal do Português, eu sentia muito preconceito, porque ler *Stephen King* não é literatura. Porque eles têm aquilo que *Machado de Assis* é literatura, *Quintana* é literatura, mas se disser que lê um *mainstream...*” (GL8); “mas nem sempre eu comentava o que eu estava lendo. Por exemplo, durante a graduação, o pessoal de Letras tinha certo preconceito literário” (SD6); “eu gosto muito de bruxaria e daí tem umas capas horrorosas e eu na escola colocava o livro dentro, pra não mostrar pros outros o que eu estava lendo” (DH7).

Focalizando no aspecto da ação ou da atitude de ler escondido, percebe-se pelos depoimentos que essa não é uma prática muito comum a esses leitores. Mesmo assim, alguns exemplos interessantes puderam ser registrados e, essas experiências de leitura confirmam a ideia de Paul Zumthor (2000, p. 31), que estabelece diferenças entre performance oral e performance na leitura. Toda performance na leitura estabelece-se na ordem do desejo, segundo o autor; já a performance na oralidade consolida-se na experimentação da realidade. E se ler um texto às escondidas, evitando que outros saibam do que se trata, não é ter o desejo de ler, talvez se tenha que repensar o conceito de desejo. Ainda conforme Zumthor (2000, p. 52), a leitura é produtiva e gera prazer, mas para que isso seja percebido, é necessário reintegrar a percepção sensorial pela qual o leitor encontra a obra de um modo especialmente pessoal. Em outras palavras, ler um texto às escondidas revela que a curiosidade em descobrir o que aquele livro guarda é tão grande que explicita a performance na leitura, já que o corpo, os sentidos e a atenção colaboram para que essa leitura se mantenha em segredo, sendo desfrutada somente por esse leitor ‘atrevido’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os critérios de corte da amostra para definir os sujeitos que participariam da entrevista permitem que se cogite sobre o professor entrevistado. A ver: é um profissional que se considera leitor e que visualiza na leitura possibilidades em diferentes níveis. Também se constata que, ao dedicar um tempo e se dispor a participar de um estudo voltado para as práticas de leitura, esse professor confirma seu interesse e seu apreço pela leitura literária. A partir das entrevistas, é bastante nítido que circunda a leitura uma aura positiva, bonita, feliz. Um sentimento de conquista, de orgulho, de evolução é comum a esses leitores. Assim, conversar sobre leituras e livros com leitores tão apaixonados foi de veras uma experiência incrível e inesquecível. Além do mais, na tentativa de preservar essa espontaneidade ao falar sobre os tópicos, optou-se por representar na escrita o modo como cada participante se manifestou, sem correções ou ajustes linguísticos.

No que tange à leitura como uma rotina, as respostas salientaram a variedade de elementos que circundam as práticas de leitura desses professores. No entanto, há pontos convergentes que remontam à ideia de um gesto de ruptura na rotina e abertura para um tempo e um espaço alheios ao tempo e ao espaço do cotidiano. Como complemento ao ato da leitura, o compartilhamento das leituras foi apontado pelos entrevistados como forma de se conectarem a outros leitores, como maneira de ressoarem suas leituras, revivendo o que leram e buscando eco em suas comunidades interpretativas, motivando os demais a também se engajarem no universo dos livros literários. Ainda, envolvendo o corpo nas atividades leitoras, os professores revelaram uma interação muito grande com a narrativa, com os personagens, com os acontecimentos acompanhados através da leitura. Há reações corpóreas como respostas à leitura, tais como: expressões de alegria, choro, choque, vazio, entre outras. O rosto reage, os sentimentos afloram, os livros correm o risco de serem arremessados para longe! Sim, há muito envolvimento emocional, cognitivo e corporal nas práticas de leitura deste grupo de professores-leitores. Proximamente às questões corporais da experiência de leitura, há também o relato dos docentes sobre o que leram ou leem escondido e o que foi revelado, a partir dos dados, é que o preconceito em relação a determinadas obras perpassa também a leitura literária.

No que tange à leitura como prática corriqueira, as respostas apontaram para a variedade de nuances envolvidas nas práticas de leitura. Entretanto, foi de consenso a ideia de que a leitura literária envolve um gesto de ruptura na rotina e abertura de um tempo e um espaço alheios ao cotidiano. Como complemento ao ato de leitura literária, o compartilhamento de experiências de leitura foi descrito como forma de criar conexões com outros leitores, bem como uma maneira de reverberar suas leituras, de reviver o que haviam lido ou mesmo de buscar eco em suas comunidades interpretativas, motivando outros professores a também engajarem-se nesse ambiente das experiências literárias.

Entretanto, parece importante salientar que, ao envolverem-se em grupos de leitura, os professores-leitores fortaleceriam as práticas de leitura literária, valorizariam a figura do leitor e consolidariam a identidade do professor de língua inglesa como um sujeito-leitor, que se vincula a um contexto histórico e sociocultural. Além de lerem obras literárias, os professores-leitores, ao integrarem círculos de leitura, conheceriam mais e melhor a história da leitura, discutiriam crenças limitantes ou salvacio-

nistas sobre a literatura e ainda contestariam os parâmetros de classificação de determinadas obras, promovendo a criticidade e a emancipação desses professores-leitores e profissionais da educação. Para complementar, pode-se afirmar que, ao participarem de clubes ou círculos de leitura, estariam desenvolvendo ainda mais sua competência de leitura e suas habilidades de mediação de leitura, as quais seriam muito bem-vindas quando replicadas em grupos de leitura literária promovidos entre os estudantes, nos quais o professor de inglês, leitor de literatura e participante de outras instâncias de leitura e discussões literárias, poderia mediar.

Ao adentrar nas questões voltadas para a experiência performática de leitura literária, foi possível compreender que essa vivência se revela como performance, na medida em que o leitor a incorpora, envolvido cognitivamente, emocional e fisiologicamente pelo prazer do texto literário. Para que essa experiência se configure de modo satisfatório, num primeiro momento, existe uma preparação do leitor para a hora de encontro com o texto. É pertinente retomar a ideia de que as práticas de leitura literária são atividades culturais construídas em coletivo. No entanto, é necessário um deslocamento, um afastamento do leitor de seu grupo de convívio, a fim de que ele possa vivenciar essa experiência e, em seguida, consiga retomar a interação com sua comunidade interpretativa.

Como demonstraram os dados, são variadas as formas de o leitor preparar-se para essa experiência, dependendo do estilo, da faixa etária, das preferências e das possibilidades desse leitor. Ficam salientes nesse ponto as percepções de Petit (2013) e de Larrosa (2019), uma vez que reiteram a relação entre a preparação para a leitura com uma pausa no cotidiano, com um momento próprio do leitor, como uma interrupção na vida diária, como uma abertura para um outro tempo e outro espaço. Portanto, há indícios de performance antes de iniciar a leitura propriamente dita, e tais indícios configuram-se como o entorno construído pelo leitor no intuito de desfrutar da experiência de leitura de forma plena, confortável e inteiramente rendido ao livro e à leitura.

Durante a experiência performática de leitura literária, pode ocorrer um transbordamento da leitura por todo o corpo do leitor, configurando a passagem da virtualidade para a atualidade do texto, como conceitua Zumthor (2000). Há uma forte implicação corporal, incorrendo em manifestações verbais e físicas, relacionadas ao modo como a obra lida afeta o leitor. Esse corpo que lê contém a individualidade da experiência e, ao mesmo tempo, a revela pelas manifestações singulares que eclodem a partir das expressões corpóreas. Ainda, ao vivenciar a experiência performática de leitura literária, o leitor é acolhido pelo universo da narrativa, reconhecendo emoções, travando relações, criando identificações ou rejeições, as quais podem sofrer influências da fase de preparação para esse encontro, na qual havia ansiedade, expectativa, excitação em relação à leitura. Ao finalizar esse momento, ele retorna ao seu cotidiano, e encontrar-se consigo mesmo, podendo ter passado por uma transformação de sua condição anterior, a partir dessa experiência.

Como última etapa dessa vivência, estão as reverberações subjetivas de leitura, as quais revelam o nível de interação e de significação que o contato com o texto propiciou. Uma obra literária que tocou o leitor permanece com ele, não apenas como mais um título lido, mas como uma forma diversa de perceber, de compreender e de interagir com seu entorno em comparação com o ponto de vista anterior ao da experiência performática de leitura. Além disso, as reverberações de leitura extrapolam o corpo

do leitor, transformando-se em expressões, em comentários, em compartilhamentos, revelados a partir de recursos e de plataformas diversos.

Por fim, ao ter o propósito de ser um professor-leitor de literatura, é imperativo deixar-se tocar pelas obras, contaminar-se com outras interpretações, permitir-se ler. E isso resulta na busca incessante pela reincidência daquela experiência performática de leitura literária que suscitou o desejo e que permite que se siga à procura do prazer do texto literário.

REFERÊNCIAS

- Bombini, G. (2008). La lectura como política pública. *Revista Iberoamericana de Educación*, (46), 19-36. <http://www.rieoei.org/RIE/article/view/2512>
- Britto, L. P. L. (2015). *Ao revés do avesso: leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato.
- Bruner, E. M. (1986). Experience and its expressions. In V. W. Turner & E. M. Bruner (Eds.). *The anthropology of experience* (pp. 3-30). University of Illinois: Illini Books Edition.
- Chartier, R. (2001). *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Escarpit, R. (1969). *Sociologia da literatura*. Lisboa: Arcádia.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Larrosa, J. (2019). *Tremores: escritos sobre experiência*. (C. Antunes & J. W. Geraldi, Trans.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Petit, M. (2013). *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34.
- Schechner, R. (1988). *Essays on performance theory* (2nd ed.). New York: Routledge.
- Schechner, R. (2020). *Performance studies – an introduction* (4th ed.). New York: Routledge.
- Solé, I. (1998). *Estratégias de leitura* (6th ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Souza, R. J. (Ed.). (2009). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Terra, E. (2014). *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto.
- Turner, V. W., & Bruner, E. M. (1986). *The anthropology of experience*. University of Illinois: Illini Books Edition.
- Van Gennep, A. (2011). *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos de porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* (2nd ed.). Petrópolis: Vozes.
- Zacarias, I. L., & Palma, R. C. B. (2016). A importância da leitura para o desempenho escolar, o crescimento intelectual e a emancipação do aluno. In *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Artigos 2013* (Vol. 1, Cadernos PDE). Curitiba: SEED/PR. <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>
- Zumthor, P. (2000). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC.